

O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurants, Cafés, Bars e classes congeneres

ANO II — N. 5

RIO DE JANEIRO, 1 DE JANEIRO DE 1917

REDAÇÃO:
RUA DO SENADO, 215-216
Telefone C. 1.499

Recordando...

A 7 de janeiro próximo completam-se precisamente 4 anos que os trabalhadores da nossa classe, fartos de serem iludidos com as promessas fomentadas de uma emancipação vinda do alto, lançavam-se resolutamente na conquista dos seus direitos conspurcados pelo capitalismo usurpador e parazitario, tomando diretamente por suas mãos uma parcela de liberdade, que, por muitos anos, em vão supplicara e implorara, por assim dizer, aos poderes publicos.

Foi um gesto de altiva e bela rebeldia, uma afirmação potente da nossa dignidade, aquele repentino e inopinado abandono do trabalho, significando ao patronato explorador e ao Estado, seu historico aliado, de aquele momento em diante uma nova era se iniciava, novos horizontes se rasgavam ás reivindicações de classe dos trabalhadores em hotéis e restaurants sempre escarnecidos, sempre vilipendiados nos seus mais comezinhos direitos de homens.

E si, infelizmente, dele não resultaram grandes vantagens materiais, pelo menos ofereceu-nos a oportunidade bemfazeja de uma sempre fecunda lição de fatos, obrigando-nos a refletir nos ensinamentos que deles decorrem. Com effeito, apesar de ser um movimento sem quasi nenhuma propaganda prévia, teve contudo o effeito de uma formidável pedrada lançada nos arraiais da burguezia aturdida pelo estrepido do gesto tão inesperado quanto ela se acostumára á passiva submissão dos seus escravos.

Por outro lado o movimento de 7 de janeiro de 1912 teve tambem o merito de chamar a attenção dos trabalhadores em hotéis e restaurants — que tão necessitados andam ainda hoje desses subjectivos exemplos, — á absoluta inefficacia da chamada legislação social e á impotencia do Estado para solucionar os conflitos surtidos entre o Trabalho e o Capital.

Poucos dias de existencia contava ainda a fanfoza lei de "fechamento das portas", vinda á luz da vida através das dores de um parto laborioso, arrancada ao legislativo municipal, pela pressão das ruas, e já uma parte consideravel dos trabalhadores, aos quais ella vinha beneficiar, sentiam-se na necessidade imperiosa de lançar-se numa greve afim de *efetivar* as insignificantes melhorias que essa lei lhes outorgava!

O caso é que os encarregados de a executar, obedecendo, sem duvida, á injunções de ordem superior, a que eles, como legitimos erprezentantes do capitalismo, não se podem subtrair, haviam encontrado na propria lei subterfujios e sofismas para se escusarem ao cumprimento das suas determinações...

Ora isto põe de manifesto que os trabalhadores, na luta pela sua emancipação têm que contar exclusivamente com os seus proprios esforços, sem intermediarios, frente a frente com o inimigo, eziijndo com a frente altivamente erguida.

O governo, que mentirozamente se inculca como o fiel da balança entre as duas classes historicamente rivais, de interesses antagonicos, na verdade não é senão o guarda vigilante dos iniquos privilegios capitalistas. Consequentemente de motu proprio, nada fará em defeza

dos trabalhadores, porque qualquer concessão que lhes fizer resultará em detrimento da classe capitalista, isto é, dos seus amos. Todavia, si levado pela necessidade de satisfazer aos reclamos da opinião publica, o fizer, não passará de "letra morta" desde que os trabalhadores não estejam capacitados intellectualmente para efetiva-la.

Daí a inutilidade não á propria nocividade das leis perante as reivindicações operarias.

"Deveriam ser suprimidas todas as famozas leis operarias. Cada uma delas significa um atrazo, ou, pelo menos, uma detenção na evolução social. Graças a ellas, julga-se dar um passo para a frente, quando, na verdade, se está parado e sem pensar em avançar mais..."

Em vão serão votadas leis democraticas. O operario será sempre uma vitima delas, emquanto se não proceder á unica medida eficaz: á supressão do Capital." (Do livro *O exercito nas greves*).

Por conseguinte, cabe aos que militam no seio da nossa classe, onde desgraçadamente predominam em grande parte os maiores prejuizos, os habitos de servidão e esse nefasto espirito de confiar a terceiros a defeza dos proprios interesses, esperando a sua salvação; "do mesmo que os antigos judeus esperavam o messias salvador", cabe — diziamos — enveredar a propaganda por uma nova senda, não lhes acenando, como até aqui, com vantagens tranzitorias ou mesquinhas, como empregos, assistencia judiciaria ou beneficencia em caso de molestia, mas assinalando-lhe claramente o dever que lhes impõe a posição em que se acham colocados na sociedade capitalista, onde, apesar de concorrerem com o seu trabalho para o luxo de que gozam os senhores do capitalismo, *vivem* espoliados, sujeitos á mais degradante servidão; apontando-lhes francamente a fonte donde dimanam todos os seus sofrimentos, todo o seu máu estar; despertando em suma a clara conciencia de classe.

Tratemos da vida! Isto é: organizemo-nos para pôr um freio á exploração capitalista, impedindo assim, que pelo excessso de trabalho esgotemos rapidamente as nossas forças e por fim, alquebrados, nos vejamos na dura contingencia de recorrermos á beneficencia.

Levantemos bem alto as nossas aspirações e encaminhemol-as para o ideal de uma sociedade de justiça e liberdade, onde, abolido o regimen iniquo do salariato, o trabalho nobilitado, já não será um stigma nem tampouco uma punição divina, mas condição primordial da existencia.

Preparemo-nos para um novo *sete de janeiro*, a que decerto a inelutavel fatalidade da LUTA DE CLASSES nos arrastará, mas que o novo movimento seja de resultados mais fecundos, de alcançes mais elevados, que seja como que o inicio da Grande Revolução que hade declarar extinta na face do planeta a ignominiosa exploração do homem pelo homem, como complemento necessario da Grande Revolução Françeza declarando *teoricamente* que os homens namem livres e iguais em direitos e deveres!

cial, tem que fatalmente ser didijido pelo potentados, dada a hierarquia social imperante.

Mas, pouco interessaria ao bem estar do proletariado que a *élite* da humanidade tentasse erijir-se na orjia e na opulencia, sobre os seus sofrimentos e miserias si estes tivessem a sua mentalidade desenvolvida, capaz de comprehender os principios da egualdade economicac baseada na sublime solidariedade universal.

Si o proletariado tivesse um momento de lucidez e refletisse um instante sobre as condições de escravidão degradante a que está submetido na sociedade capitalista, os governantes seriam, ato continuo, absorvidos pelo agir violento da onda avassaladora das multidões revoltadas.

E' natural que apareçam pastores em determinados pontos, porque quando se manifesta a existencia de rebanhos humildes ali se torna necessaria a sua ação. Mas o que é verdade é que pouco importava que surjissem sobre a terra homens com a pretensão de governar, si não tivessem a quem, infelizmente hoje, em pleno seculo XX, em periodo em que a civilização capitalista, deu o seu ultimo esboço de grandezza, ainda é possivel governar-se o mundo de acordo com os governantes, isto é,

os miseraveis, os mendigos, mancomunados com os potentados e arjentarios do capital, seguem de acordo pela espinhoza estrada da vida, aceitando a monstruosa dezigualdade como um fatalismo historico.

As redes administrativas da sociedade está nas mãos dos membros da classe elevada que delas se apossaram; mas, sem o auxilio estupendo das multidões inconcientes, lhes seria impossivel manter-se por muito tempo. Os senhores da vida e da felicidade universal fazem leis, mas não têm força propria para fezel-a cumprir, são officiais mas não são soldados, mandam matar mas não são verdugos, são mantenedores de carceres, mas não são carcereiros.

Si a maioria da humanidade que vive condenada á miseria, refletisse um momento sobre o seu estado degradante, a derrocada da tirania social seria, uma questão de momento.

São os trabalhadores os que arrancam do seio das montanhas a pedra para construir os carceres, dos quais eles, em dias não lonje, serão hospedes talvez eternos, nos seus terrificos quartos reservados. São os trabalhadores que erguem nas praças publicas os revoltantes patibulos que eles certamente estrearão.

São eles que garantem a *paz social*, isto é, constituem o corpo de segurança publica que garante a intanjiabilidade do *sagrado* principio da autoridade, impedindo a bemfazeja expropriação do capital.

Enfim são eles, pela sua ignorancia, o maior sustentaculo da sociedade presente. Eles cumprem ou fazem cumprir pela força, aos seus irmãos de infortunio, as ordens emanadas do alto pedestal da governança...

— Que miseravel condição de vida é a dos proletarios, comparsas desse triste espetaculo que avilta a dignidade humana!

Os governos têm abraçado sempre de bom grado, desde as primeiras manifestações da sua existencia, todos os principios relijiozos, com o fito unico de estabelecer as bases de uma moral social, capaz de castrar os sentimentos mais revoltados contra as injustiças capitalistas. As relijiões são um tremendo obstaculo ao desenvolvimento moral, intellectual e economico do proletariado universal. Elas instituem costumes novicos, como, por exemplo, a esmola que envilece a dignidade do homem.

E os miseraveis, quando deviam tomar uma attitude de altiva revolta, para não succumbir no lamaçal social, propendem mais facilmente a aceitar a esmola que lhe é estendida pelos mesmos que hontem os exploravam na fabrica, no campo e na officina, extorquindo-lhes o produto do seu trabalho com o assentimento das leis estabelecidas e garantidas pelo Estado.

O Estado, pois, mancomunado com a relijião completa da obra nefasta aspirada pela burguezia imperante.

As relijiões estabelecem o principio de uma moral ferrea e o Estado, apoiado nesse principio, estabelece a submissão ao culto da força.

Longos anos de martirio são já transcorridos desde o periodo embrionario da humanidade, sem que ainda tenha conseguido libertar-se dos costumes selvajens dos tempos pre-historicos.

Todas as relijiões são baseadas nos principios mitologicos. Elas nas suas preces pretendem sempre consolar os tristes, "dar de comer a quem tem fome" e lastimar com lagrimas de crocodilo a "sorte" dos infelizes que não são acariados pela proteção divina. Elas têm o massimo empenho em aconselhar a humildade e a rezignação aos filhos espurios do suposto deus, isto é, naturalmente com o interesse de castrar nos desherdados as ancias de revolta que por momentos se ajitam nos seus peitos escarnecidos.

E é assim que os trabalhadores, devido ao seu atrazo mental, ainda fazem côro com o miseravel e criminozo regimen social capitalista, sem refletir um momento na sua situação. Em virtude da sua desgraçada falta de compreensão continuam sendo os eternos carneiros sempre dispostos a seguir os passos dos seus pastores.

E' no seu seio que está a alma de todas as datas historicas.

A sua força incoerente é o fator de todos os crimes e das mais nobres ações historicas de justiça e liberdade.

Não trepidam em lançar-se numa aventura guerreira por ordem de um presidente, rei ou imperador, sob pretexto de defender os interesses da patria em perigo.

— Tenho escutado a sua clara espazição com a massima atençaõ de de-

correr dela, já por algumas vezes notei que pronunciava uma palavra para mim incompreensivel: — Que quer dizer patria?

(Continua)

O dia de 8 horas

Não são poucos os argumentos de varia ordem a favor da jornada de oito horas de trabalho. Argumentos de ordem material e moral, provando todos serem duplas as vantagens daquele tempo maisimo de duração de labor: vantagens para o trabalhador e vantagens para o trabalho.

A este proposito é interessante registrar um telegrama que a Agencia Americana recebeu ha mezes, de Montevidéo: "Montevideo, (A. A.) — Devido á adoção do dia de oito horas de trabalho, nos estabelecimentos industriais e comerciais, verificou-se que aumentou extraordinariamente a concurrencia de adultos ás escolas noturnas."

A Noite intitulou deste modo a local em que vinha esse despacho: *Uma boa consequencia do dia de oito horas*. Registre-se igualmente.

As miserias da classe

No dia 28 de Outubro proximo passada appareceu aqui no Rio, *O Cosmopolita*, sendo os seus editores um punhado de rapazes de boa vontade com o unico fim de tratar exclusivamente dos interesses da classe.

Verdadeiramente é de lamentar a triste situação porque está passando a nossa classe, graças ao espirito de tirania e carrancismo dos patrões.

O abaixo assinado pela parte que lhe toca, desde já, oferece-se a ajudar-lhes pontualmente a botar a sua pá de terra, para depois sacudir-lhes a poeira a essa malta repugnante de patrões e seus dignos auxiliares.

Ao demais tambem me ofereço a dar o alarime por meio das colunas deste jornal nosso defensor afim de chamar a attenção de todos os nossos colegas de infortunio para que acudam a prestarmos o seu apoio, para que todos reunidos, sejam um punhado maior, podendo com vantagem medir forças com os nossos exploradores, entrando-lhes de rijo, para pôr termo ás injustiças e abuzos que cometem os patrões e seus representantes.

Do contrario, a continuar assim, para onde vamos?

Para a perpetuidade da escravidão, para a vergonha e, por ultimo, para a morte.

Discutamos um pouco por que tudo tem seus limites, lutemos para regular o nosso trabalho, para conquistar os nossos direitos.

Ao menos imitemos os nosso colegas vizinhos de S. Paulo, Santos e Buenos Aires que trabalham sem ser debaixo de chicote, porque sabem reair e fazem-se respeitar, o que não acontece aqui no Rio, onde o carrancismo é sempre o mesmo e as infamias continuam cada vez mais audaciosas.

Os anos passados foram como esse e os vindouros serão como os outros, e assim continuaremos nesta miseria apagada e vil tristeza.

A nossa classe tudo consente e por tudo passa, sem uma reação, sem vestijios sequer de revolta, tudo pôdre, tudo morto.

Que desgraça ter nacido para vir, tão lonje, viver no meio desta classe sem brio, sem dignidade, sem altivez!

Que somos nós? somos o mesmo que o misero leão enjaulado, sem unhas, sem dentes, ameaçado com o chicote do domador. Vivemos na vergonha humilhante dos escravos, fronte vergada, rizo nos labios, a trabalhar para o sustento e prosperidade dos patrões.

Que desgraça não poderemos combater com ezito, por falta de espirito associativo e sentimento de rebeldia dos nossos companheiros, a iniquidade de burguezes enriquecidos á custa do nosso suor!

Para cumulo somos suppliciados com toda a qualidade de insultos, de ameaças pronunciadas por esse elemento parazitario, tal qual como as alinarios que puxam pezadas viaturas são a todo instante fugitados pelo latego impiedoso e deshumano do condutor.

E' o que se está dando em quasi todos os hotéis restaurants, bars e cafés do Rio de Janeiro.

Mas, que pouco brio de nossa parte, que lastima!

Que somos nós? Um rebanho de carneiro insensivelmente levado ao matadouro da exploração capitalista.

Ainda mais. Somos charco de rãs, fingindo gente, imundicie humana!

E' ir vivendo e morrendo neste meio nojento...

VIDRINES.

Os tres pontos capitais

I

A HONRA

Noite fria, mas linda. Limpida, transparente. O céu apresentava-se toldado de estrelas que brilhavam parecendo sorrir. Tudo isto, prateado ainda pelo luar seria delicioso, si um frio que enrejelava os nervos não viesse ofuscar a natureza. Realmente, julho de mil novecentos e treze, foi um tanto invernosco. Não chovia, porém. Apenas um fino vento fugitava o rosto dos tranzeutes, que o ocultavam tanto quanto era possivel no sobretudo de que um ou outro se fazia acompanhar.

No mar, a lua, na direção do Pão de Assucar, fazia estender sua estrada de perolas que vinham quasi beijar a praia. Oito horas da noite, marcava o relojio do pavilhão de regatas.

Ali, quasi em frente, um belo palacete inundado de luz, luz que não cabendo nos salões transpõe o jardim, espalha-se nas largas avenidas e vai perder-se no mar.

E' ai a residencia do comendador Gonçalves, cavalheiro que enriqueceu não se sabe como. Essa riqueza, esse fausto, esse luxo são de proveniencia duvidosa. Mas que importa? O comendador goza das melhores relações entre a alta sociedade, e é o suficiente. O resto nada vale.

Sua filha Alzira completa dezoito annos, e o comendador comemora essa data com uma grande festa para a qual convidou as pessoas de suas relações.

Oito horas e meia.

O palacete começa movimentando-se. Ao portão, na rua, o movimento de automóveis é dezuzado. Uns que chegam cheios, outros que saem vazios. Um representante da autoridade ali está para regularizar a boa ordem do tranzito para que nada falte.

E' preciso que a festa seja imponente, e a má ordem dos carros podia tirar-lhe algum brilho; por isso lá está o guarda civil. E depois, para que eziste a policia?

De cima, do salão, ouvem-se os trechos harmoniozos, leves e serenos, dumã composição talvez de Chopin.

O movimento agora é enorme. O salão repleto. A grande escadaria cheia, e por entre os canteiros do jardim, pares enlaçados confundem-se com as flores. A's vezes o estalar d'um beijo que se dilue com o sussurro dos rizo e gargalhadas.

Tudo alegria, felicidade, grandezza! Saíamos. Ha alegrias que são como o vinho: é agradável, mas embriaga.

II

A MISERIA

Nove horas desse mesma noite.

Pela rua Marquez de Abrantes, sôbe uma criança. Na praia de Botafogo, ella dobra á direita. E' extremamente linda. Os cabelos côr de ouro, bastante crecidos, esvoaçados pelo vento frio e cortante, caem-lhe em cachos, dezalinhados pelos hombros. O frio, é horrivel; parece aumentar com o avanço da noite, e essa infeliz, tem apenas por vestuario uma calcita esburacada que lhe chega aos joelhos. O resto do corpo, cobre-o os rasgos d'uma camiza de chita. Descalça, ella chora. Vagaroamente, tremula, os dentes batendo uns nos outros, o rosto inundado de lagrimas, ella vai caminhando, as mãos nos bolsos das calças, o corpo encolhido.

E o frio parece aumentar, sempre, sempre!

Os bondes, passam, as cortinas corridas, e, si se diviza algum passageiro, vê-se que procura ocultar o rosto e o corpo tanto quanto é possivel.

Na rua Marquez de Olinda, a criança para. Olha para um lado, para o outro; no rosto adivinha-se-lhe espanto. As lagrimas aumentam, parece perdida.

— Que frio!... — Murmura tremendo, os braços agora cruzados, procurando occultar o rosto n'eles.

Frio! Ter frio com seis annos apenas!

Ah! deve ser terrivel!... Porque não podia ter mais que seis annos! A sua fizionomia, á sua estatura, tudo nela denotava essa idade.

DECENDO DA MONTANHIA

(Continuação)

Muito facilmente. Dada a circumstancia de inferioridade mental em que são colocados os desherdados, devido á deficiente instrução fornecida pelo Estado, os governantes (genuinos representantes da classe capitalista) conseguem facilmente iludir os proletarios, acenando-lhes com breves melhorias e invocando os interesses *sagrados* da patria, o respeito á autoridade constituída e a obediencia ás leis.

Os produtores, sem procurarem saber o que é a lei e qual o seu fim determinante, obedecem-lhes, sem comprehendem o que é a patria, defendem-na; sem perceberem o alcance do principio de autoridade, e a sua missão arbitraria, curvam-se humildes perante os seus representantes.

São os mais *inteligentes* que estão encarregados de dirigir os destinos da humanidade, e, como os proletarios estejam impossibilitados de tomar um lugar nas universidades, é-lhes impossivel conseguir um grau de evolução mental que lhes proporcione o diploma de *inteligente* para conseguir um posto de destaque nos negocios publicos. O Estado, com todo o seu mecanismo so-



EXPEDIENTE

De conformidade com as bases do seu Grupo Editor, as colunas de *O Cosmopolita* estão francas a toda e qualquer expansão de pensamento, desde que se ajuste à lógica e à razão, e estejam em harmonia com a sua orientação.

O Cosmopolita publica-se nos dias 1 e 15 do mez.

Assinaturas

Ano 5\$000
Semestre 3\$000

Agora, ela caminha novamente, sempre vagarosamente.

Um pouco adiante, ela pára. Qualquer coisa lhe desperta a atenção.

Um palacio em festa, muito iluminado; na frente, um grande jardim onde os cordões com lampadas multicores se cruzam. A muzica parou; agora, os pares enlaçados decem a grande escadaria de marmore. Vem satisfeitos, felizes; sorriem. A infeliz criança já não chora mas também não ri. Tudo aquilo lhe parece um sonho. Ela mesma sente-se mais satisfeita, quasi feliz. Sente menos frio. Realmente, o ambiente é mais agradável. A luz que transborda do palacio parece tornar a temperatura menos desesperadora. Não tem mais frio, só sente fome...

—Que fome! — diz ela muito baixinho.

E é assim. Ha pouco tinha fome e frio, mas o frio é que mais a martirizava e não se lembrava do outro mal; agora, um passara, mas sentia o outro.

E ali, junto d'ela, dentro do jardim, algumas crianças como ela, bricavam com biscoitos atirando-os umas às outras e deixando-os cair abandonados no gramado. Que bom seria, se podesse comer um!

Instintivamente, ela caminhou para o portão, andou uns cinco passos na direção d'um dos canteiros onde estavam alguns desses alimentos que serviam de divertimento às outras crianças. Abaixou-se, ia apanhar um, quando si sentiu atropelado, surrado. Umas vinte mãos caíram impavidadas e valorozas sobre ela, cobrindo-a de ameaças e imprecações.

- Olha o ladrão!...
- Vagabundo!...
- Moleque!...
- Sujo!...
- Porco!...

Um sujeito de cazaca ordena, impertigado, ao criado:

— Lá fóra esse vagabundo esfarrapado e ladrão!

Oh! civilização!... Oh! sociedade educada!...

Atiras os epitetos de vagabundo e ladrão, a uma criança com fome e que tem apenas seis anos de idade!...

O criado empurrou-a até fóra, depois um novo empurrão e ela foi cair na calçada, d'encontro à parede.

Tambem, para que foi a miseravel esfarrapada pôr-se no caminho de quem é feliz?

- Desgraçada!
- Fome, desgraça, miseria!...
- Eram nesse momento, nove horas e meia da noite.

SEMOG LEONAM.

(Continúa).

O rejimen da fome

No Restaurant Stadt-Munnen

A crize, a celeberrima crize, de brago dado com a inominavel ineuria com que encaramos a defeza dos nossos interesses, e como magnifico pretexto, tem concorrido para que a exploração patronal campeie por aí afóra duma forma assombrosa.

As circumstancias eccepcionaes que ora atravessamos estão a nos indicar claramente a necessidade de uma intensa e bem orientada propaganda, que sacuda com vigor esse ambiente de apatia que nos leva á dezorganização e ao abandono dos nossos interesses, que nos entrega á rapacidade dos corvos do capitalismo.

A hora que passa já não comporta indiferentismos ou siquer indecizões, ela é incompativel com as atitudes platonicas de lamentações vãs ou de queixas mais ou menos sentimentais; é do gestos viris, de atitudes decididas.

Por isso é preciso que saíamos ao campo das nossas reivindicações, a pugnar pelos nossos direitos de trabalhadores, espeznhados pela minoria capitalista, garantida nos seus iniquos privilegios pelos governantes que ela paga e mantém com o nosso proprio suor.

Que venha, pois, essa bemfazeja ação que desfazendo seculares mentiras e erros, destruindo prejuizos arraigados, despertando consciencias, pondo de manifesto a miseravel trama em que assenta a servidão do proletariado, hade preparar a resistencia aos despotismos e extorsões que fazem da vida do trabalhador um inferno dantesco.

Então, já não serão possiveis os cazos de revoltante exploração que diariamente constatamos por esses ergastulos do trabalho, os restaurants, hotéis e demais estabelecimentos onde a burgue-

zia *pasteleira* ezerce a sua atividade de sangue-suga, com um despodor que corre parellhas com a sua incommensuravel falta de escrúpulos.

Cazo tipico é esse do Restaurant Stadt Munchen. O seu atual proprietario, o Sr. Antonio da Mota Bastos, depois de ter estado por algum tempo em disponibilidade, a refazer as energias, a gozar a tranquilla ociosidade que a sua fortuna lhe assegura, fortuna — digamos aqui entre parentezis, — adquirida e cimentada com o suor e quigá! — com a vida dos muitos companheiros nossos que hão passado pela sua caza, voltou de novo á atividade, e, pelo visto, disposto a recompor, o mais depressa possivel o seu capital, um tanto combalido pelo tempo passado em disponibilidade.

Efektivamente, mal o Sr. Mota Bastos reassumiu as funções de proprietario do Stadt-Munchen, começou a pôr em pratica um rejimen que condiz bem com o seu temperamento gananciozo e autoritario.

No Stadt Munchen reina atualmente o rejimen da fome. Não ha horarios organizados, os empregados trabalham um numero de horas excessivas, ao arbitrio do patrão, não ha o minimo respeito pela dignidade dos empregados, que a cada instante são obrigados a ouvir os mais atrevidos improperios.

A comida que é fornecida ao pessoal é tão repugnante que os proprios cães a repeliriam. Basta dizer que todos os pratos encalhados, como sejam leitões, carne assada e outros, são ao fim de quatro e cinco dias aproveitados para a comida do pessoal, um reles enopado feito de carne deteriorada, pesadamente condimentada e onde o cêbo... o leitimo cêbo, desempenha o papel principal!...

E a proposito ocorre-nos lembrar aqui, de passajem, que a banha no "chic" Stadt-Munchen é, como se costumava dizer, objeto de luxo, mesmo para os pratos da clientela, ali o cêbo diz a ultima palavra. Assim, mata-se miseravelmente o pessoal á fome, mas tambem a freguezia não fica de melhor partido e, como mal de muitos é consolo...

Entra um cavalheiro, com fumaças de *gourmet* e pede... pede, por exemplo, um *filet à la grisel* ou um *romsteak* e põe-se a saboreal-o com a volupia de um Epicuro... Ao cabo de algum tempo, porém, começa a sentir um certo sabor acre no paladar e a lingua é constantemente, insistentemente, convidada a dar um passeiozinho ao céu da boca cada vez mais estorricado como o sólo do Ceará.

E' que o cêbo começa então a dar mostras evidentes de que entrou em grande dóze na confeção daquelas "peticqueiras" como valente e "economico" sucedaneo da banha ou da manteiga.

E dizer-se que existe nesta terra uma repartição com o pompozo titulo de Repartição Geral de Saúde Publica. E' que as energias desses senhores esbarram-se todas deante desse deus todo poderoso: o dinheiro.

Ainda ha poucos dias, porque os empregados tiveram a inriverl onzadia de comer um mesquinho prato de castanhas (era o natal, e eles — injenuos! — supunham tambem poder fazer a sua consoada...), foi o bastante para que o Sr. Mota Bastos fizesse um tremendo escarcêu, ameaçasse céus e terras, chegando até a dizer que paga o futuro seria precizo que mandasse pôr um soldado de policia em cada canto, para evitar esses "roubos"! Tudo isso dito numa linguagem de arrieiro, grosseira e boçal.

Continue, pois, o *honrado* Sr. Antonio da Mota Bastos, ou Sr. *Malabregos*, como é geralmente conhecido no meio *pasteleiro*, a dar largas á sua ganancia sordida, que nós aqui estaremos para lhe fustigarmos com a melhor das vontades o seu desplante inqualificavel.

Os tempos mudam-se e com eles os homens; tempo virá em que os escravos não serão tão doces.

Então, ai dos exploradores!

NOS DOMINIOS DA ESPLORAÇÃO

O serviço de Vagões-restaurants da E. F. C. B.

No numero passado de *O Cosmopolita* dissemos um pouco da exploração de que são vitimas aqueles que as *luzas* cominicias da conquista do pão levam a procurar trabalho no serviço de vagões restaurants da Central do Brazil. Contudo, para não tomarmos muito espaço, fomos obrigados a omitir muitos pormenores da exploração reinante no "paraizo perdido" do sr. Cardozo, o feliz arrendatario daquele serviço. Ahas tudo o que possamos dizer aqui, perfilhando com energia a infame tirania que ali-impera, estará muito aquem da verdade dos fatos.

Um efeito só mesmo a profunda indifferença pelos seus mais vitais interesses pôde levar uma classe de trabalhadores a um estado de degradante escravidão de que o serviço dos vagões restaurants é o mais edificante exemplo.

Tem, pois, razão de sobra o sr. Cardozo sentindo-se perfeitamente garantido na sua exploração, em temer impos-

siveis gestos de revolta dos seus escravos. Cada qual sabe o gado que possue.

Nós, tampouco, ao lançarmos a estes brados de revolta contra a sua revoltante e abuziva exploração, o fazemos anteendo a possibilidade absurda de despertar no animo daquela gente a rebeldia contra a exploração ignobil a que estão sujeitos.

O sr. Cardozo, ao ler o nosso artigo, exclamou sarcasticamente: "Ora! eles escrevem isto e, no entanto, juntam-se todos os dias á minha porta para pedir trabalho!"

De-maneira que, o gananciozo arrendatario snte-se completamente garantido nos seus privilegios, enquanto prezenciar todos os dias aquele degradante espetaculo de uma multidão de famintos a esmolar-lhe trabalho sem cojitar as condições em que esse trabalho lhe será dado!

Claro que o sr. Cardozo, como bom burguez e como homem do seu seculo, procura tirar dessa *feliz* situação o melhor partido.

E' certo que eles em busca de um mesquinho salario podem muitas vezes encontrar a morte ou adquirir uma horriavel deformidade fisica que o invalida para toda a vida, numa daquelas perigosas passajens de um carro para outro, a carregar bandejas de chá ou café, mas que importa isto quando o sr. Cardozo embolsa todos os mezes os grandes lucros do negocio, sem esforço, sem incomodos, sem riscos de especie alguma!

Todos esses desdens pela vida e pelos direitos dós que concorrem para o seu bem estar feliz e despreocupado já teriam certamente tido um termo si os trabalhadores em hotéis e restaurants olhassem por sua vez com menos desprezo pelos seus proprios interesses.

Ah! então outros galos cantariam e nós veriamos, orgulhosos e satisfeitos, uma mudança radical nos costumes atuais, um aumento incessante do respeito pela nossa dignidade, pelos nossos direitos, por tudo emfim que nos é infinitamente caro!

Então esse arrendatario ver-se-ia obrigado a colocar os interesses e as vidas dós seus empregados acima das preocupações mesquinhas dos seus lucros desmezurados. Como natural consequencia da dezorganização do serviço surjem as queixas dos passageiros que se sentem mal e pessimamente servidos e de fato o são. Mas o peor é que esses senhores passageiros, julgando superficialmente a questão, queixam-se do pessoal, atribuindo-lhes injustamente a falta de presteza e de asscio. Ainda ha poucos dias *A Noite* e a *Gazeta de Noticias* faziam-se ecos das gerais reclamações levantadas contra a organização do serviço de vagões restaurants, e lá vinha a reedição de tudo quanto se tem dito em todos os tons a respeito da questão: falta de asscio, comida mal feita, bebidas falsificadas, preços ezorbitantes e por aí afóra, tudo um longo rosario de fatos que dão uma ideia do que é aquele serviço, cuja dezorganização vem refletir no pessoal que ali trabalha, expondo-o a injustas acuzações, sujeitando-o a mil e um vexames e estorsões.

S. F.

CONFERENCIAS

O Grupo Editor de "O Cosmopolita", emprimdo, aliás, uma das partes essenciais da sua elevada missão educativa, está organizando para breve uma série de conferencias sobre ciencia, filozofica e outros assuntos que possam interessar aos trabalhadores em hotéis, restaurants, cafés, etc., contribuindo dest'arte a despertar no espirito da classe o amor ao estudo em geral e particularmente aos problemas que condizem com o seu bem estar, difundindo conhecimentos scientificos e filozóficos, dissipando as trevas do erro, da ignorancia e da mentira que tantos e tão profundos males físicos e morais cauzam á humanidade.

O illustre medico, dr. João Pedro da Costa, atendendo ao nosso convite, gentilmente prestou-se a abrir a série dessas utilissimas conferencias, dissertando com a proficiencia que lhe é reconhecida, sobre o tema de relevante importancia: "A profilaxia da sífilis".

Essa interessante conferencia realizou-se á na proxima quinta-feira, 11, ás 21 1/2 horas, no salão do Centro Cosmopolita. Para o que chamamos a atenção de todos os companheiros.

A entrada é franca a todos, socios ou não.

Outros amigos comprometeram-se igualmente a nos secundar nesse nosso nobre esforço. Assim, já no nosso proximo numero, esperamos poder publicar a lista das conferencias, bem como dos seus respectivos temas.

A degradingolada

Não temos hotéis, nem restaurants, nem cozinheiros, nem *garçons*; é uma vergonha, é verdade, mas vergonha maior ainda é não haver hoteleiros e não existir gastronomos capazes de sustentar semelhantes pretensões.

Sem melindrar as susceptibilidades de quem quer que seja, vamos fazer uma pequena analize do que têm sido as missões de pessoal contratado.

A comerçar pelo Hotel da Empresa de Oxambú, Guarujá, Parque Balnea-

rio, Empreza Julio Conceição, o insucesso do Hotel Moderne, continuamos nos dezenganos da Rotisserie Sportman de S. Paulo e do Magestic Hotel, as constantes negativas do Club dos Diarios, o insucesso do famoso Grill Room, o grande fracasso do celebre Cassino Hotel de Petropolis, que acabou por ser os seus frequentadores inumações naquelle "ribeiro de ostras" da Praia de Botafogo, o Pavilhão Mourisco.

A que atribuir tudo isto? Simplemente á mania de mandar vir de Europa infelizes com as falaciosas promessas, com a doce palavra de contratos.

De estrangeiros deziludidos e ludibriados estão cheios o Rio de Janeiro, Petropolis, S. Paulo e Santos e todo o Brazil e até mesmo todas as republicas sul-americana com ecceção da capital platina, que em materia de preconceito já nos tem mimozado algumas vezes, porque aquele que tem a infelicidade de dizer que pertence á arte culinaria e passou pelo Brazil, não mais tem o direito de ser gente.

Bem se podiam lembrar de contratar esses nossos colegas para civilizar-nos um pouco, a ver se podiam realizar essas maravilhas que para nós são um profundo misterio e para eles é tão facil, aproveitando a circunstancia de não estarem eles sujeitos á guerra, como nós que vimos de Europa em tempos de paz e que nos esquecemos de trazer conosco o mais essencial; é que ignoravamos que aqui não havia cozinha nem bateria, e si falamos em montar uma brigada aqui só conhecem a Brigada Policial!...

Si vamos ao açougue, temos que aprender de novo, mas isto, ao menos, é breve, o peor são aquelas mascotes, que achamos nas cozinhas como, por exemplo, um leitão para criar, com dois ou tres mezes, um cabrito, uma enorme quantidade de pombos, um despertador "das tres e meia para as quatro", um garnizé que não deixa descançar a ninguém.

A todas estas peripecias já estamos acostumados, bem entendido: pela extrema necessidade. Recomendamos a esses gastronomos que influem por essas empresas existentes e futuras de Buenos Aires, — *bueno tierra pero no de Santa Fé para llorar* porque chorões aqui já temos demais — a ver si podemos curar o Central Club, com uma lavagem radical naquela irritação intestinal.

Quanto ao Palace Club, todos os esforços da ciencia foram inuteis para pol-o fóra de perigo, todos os remedios sem rezultado especial. Aplicaram-lhe as famozas *pastilhas Lopes*, os *cinapis-mos Labanca*, as injeções hipodermicas da Boemia. Andava um pouco melhor (não podemos precizar porque intervenção), mas propinaram-lhe uma pihula dura Batistina, que lhe deu um rezultado fatal.

Haviamos pensado em confial-o aos cuidados do professor Azurém Furta-do, pois que, si pudessemos pol-o fóra de perigo, facilitaria a defeinição do *elefante branco*, que ouvimos dizer que a Companhia já tem feito grande encomenda de tubos de soro anti-pastozo do Instituto *Ojo de Monterey* e defumadores das fabricas afamadas *Machendon et Momm*, desconfiados de que esteja contaminada daquele terrivel bacilo *urucubaca*. Aproveitando a ocasião bem aplicar o famoso raio X no Restaurant Assyrio que já apresenta sintomas de contaminação, sinão de urucubaca, de outro mal igualmente contagiozo.

Uma Vitima.

Trechos escolhidos

O que as pessoas a quem nada falta não podem comprehender é que as pessoas a quem tudo falta tenham a audácia do se queixar. Quem é que as impede de enriquecer?

E, nesse ponto, lá vem todo o estendal das ladainhas habituais sobre o poder da economia. Vocês não têm vintém? dizia-se já em 1848: pois ponham isso na caixa economica e na velhice lá o hão-de encontrar.

Os sorrisos dos individuos que de nada carecem não obstem a que a sociedade seja feita de tal modo que, de dois seres humanos que fincem, um é criado no meio de rendas, desenvolve-se, cresce rodeado dum luxo devido ao trabalho de outrem; chegado á idade adulta, diverte-se a seu talento, desde manhã até a noite, e leva até á morte uma existencia apenas perturbada pelas dôras comuns, gastando de tudo sem produzir coisa alguma; ao passo que o outro, miseravel que não come nunca até se faltar, obrigado desde a mais tenra idade a uma labuta desesperada, arrasta penosamente uma vida toda consagrada a embelezar a do primeiro.

... Que a desigualdade tenha constantemente reinado sobre a terra é coisa, na verdade, difficil de negar; mas que aela haja de reinar eternamente é uma consequencia que não nos parece forçada. O estabelecimento da justica será, estamos lonje de discordar, uma transformação consideravel; mas se nunca se começar, sob pretexto de que isso é inutil e que nunca lá havemos de chegar, então é certo que nada mudará. Ninguém deve ter direito ao luxo, enquanto houver quem careça do necessario.

HENRY MARET.

(Coups d'alles).

De "Aurora", do Porto.

Grande comicio de propáganda da no Centro Cosmopolita

Domingo proximo, ás 21 horas, comemorando a passagem do 4º aniversario do movimento grevista de 1912, realizar-se-á na sede do Centro Cosmopolita, á rua do Senado 215-217, importante comicio de propaganda ao qual poderão comparecer todos os companheiros, indistintamente, socios ou não.

Companheiros!

Na fazee critica que atravessa o proletariado do mundo inteiro, no meio da crescente exploração capitalista, nesta hora de intoleravel mal estar, precisamos dar uma eloquente demonstração de que não nos conformamos com este viver de escravos e que aspiramos despeçar os grilhões que a ele nos prendem!

Todos ao comicio!

A covardia em ação

Zurizado pelas duras verdades que, justamente indignados com o seu infame e procedimento, lhe temos desferido destas colunas, o desfibrado E. Vasquez, *maître d'hotel* do Hotel dos Estrangeiros, entrou a cecvar seus odios covardes nas pessoas de alguns companheiros que ali trabalham, e que, pelo fato de manterem uma conduta de inquebrantavel altivez, prezume o Emilio serem os nossos informantes das suas infamias.

E' esse, aliás, o traço caracteristico do feitio de todos os traidores e covardes: fanfarrão com os fracos e pusillanime com aqueles dos quais dependem.

Emquanto o repelente tipo se desfaz em curvaturas e frases nas quais transparecem em toda a sua hedionda repulsa a sua alma de lacaio, transmuda-se logo em ridiculo tirano, quando trata com aqueles que têm a infelicidade de trabalhar sob as suas ordens.

A asqueroza alimaria, guindado aquelle por condescendencia inriverl da classe num momento de memoravel ajitação, e em que podia e devia impedir-o, fanfarrão com os fracos e pusillanime com aqueles dos quais dependem.

Ha dias foi um nosso companheiro vitima da prepotencia e covardia desse tipo. O Emilio soubera que esse companheiro era associado do Centro Cosmopolita, daí tel-o sob as suas vistas, tornando-o alvo das suas pequeninas vinganças, a aguardar a ocasião azada para desferir-lhe o golpe premeditado.

Essa ocasião depressa chegou. Emilio, em ancias insofridas por dezempenhar o seu inoportavel e ridiculo papel de tiranete, chamou o nosso companheiro, e com ares de Kaiser sem bigode e sem cetro, preparava-se para lhe passar a sua *sevêra* repreensão, quando o nosso companheiro altivamente o repeliu, lançando-lhe á face, donde os sinais de brio ha muito dezertaram, as mais tremendas apostofes, em verdade bem dificeis de engolir, mas que o incomparavel poltrão ouviu "sem tujir nem mujir"; e, para não ir mais além, pediu as suas costas.

Que o afeminado *maître d'hotel* encontrasse sempre pela prôa homens dessa tempera são os votos que daqui ardentemente formulamos.

E que os possiveis continuadores do gesto desse companheiro a que nos vimos referindo não se limitem apenas ás palavras, que naquele individuo já não produzem nenhum efeito moral; ha outros meios mais expeditos e, sobretudo, mais convincentes...

Para refletir

O exército não é sinão um conjunto de assassinos disciplinados. A sua instrução provem da escola do crime e as suas vitórias são massacres. — TOLSTOI.

Nas pequenas sociedades não desenvolveidas, onde ha reinado durante séculos uma paz completa, não existe nada parecido ao que chamamos governos; não ha nelas nenhuma organização coercitiva, sinão, quando muito, alguma supremacia honorifica. Nestas comunidades eccepcionaes, que não são aggressivas, e que por causas especies se vêm livres de toda aggressão, são tão rados os desvios das virtudes fundamentais; veracidade, honradez, justica e generosidade, que basta para contel-as que a opiniao publica se manifeste de vez em quando em assembleas de anciãos convocadas a intervalos irregulares. — HERBERT SPENCER.

Sabê-se perfeitamente que os capitais não têm patria. Vão para onde acham maiores vantajens. Fazem-se transfugas sem escrúpulo. Colocam-se com indifferença ao serviço de uma nacionalidade estrangeira ou mesmo hostil, si as condições que cla lhes offerece são preferiveis. — E. LEVER-DAYS.

A religião é o desenvolvimento suntuozo dum instinto comum a todos os brutos: — O terror. — EÇA DE QUEIROZ.

Nem uma unica semente lançada á terra pelo trabalho e pelo estudo deixou ainda de ringar e de fructificar em rezultados decisivos de tolerancia, de paz, de liberdade e de justica. — RAMALHO ORTIGÃO.

Lérias e Trêtas

Ha dias fui despertado pelo insistente tilitar do timpano da Assistencia...

legumes e frutas escolhidas, enfim, tudo isto em bem ordenada disposicao...

Pelos Restaurants

(ALFINETADAS) O chefe do ervico de banquetes da Confeitaria Colombo

Em referencia aos servicos grandes dessa acreditada confeitaria, e ao processo para os mesmos...

Restaurant Assyrio

Lembramos ao companheiro Pepe, gerente do Assyrio, a oportunidade de modificar o regimen...

Cremos que o companheiro fará uma obra meritoria, expurgando o Assyrio dos restos do regimen...

As finanças da Franziskaner e os seus "garçons"

Chegou ao nosso conhecimento que os proprietarios do restaurant e bar "A Franziskaner"...

ROTISSERIE RIO BRANCO

Um as alfinetadas saídas aqui num dos numeros de O Cosmopolita sobre os bofes para a comida do pessoal na Rotisserie Rio Branco foram o suficiente...

OS MORANGOS E A FARINHA DE MANDIOCA NO SUL AMERICA

Decididamente o sr. Fontainhas é fértil em invenções... (como diremos?) sesquipedais!

Café e Bilhares PUERTO RICO Bebidas Nacionais e Estrangeiras, Comidas, Frias etc. SOUTO & C. Aberto até 1 hora da noite Rua do Riachuelo, n. 11 TELEFONE 2190 Central Rio de Janeiro

A Ciencia e a Religião

A iluzão amplia e deforma tudo. Si menciono a iluzão é em virtude de suas relações com as religiões. Estas com efeito, estão fundadas sobre a ignorancia, o medo e a iluzão.

O positivo é que a balança do grande Lavoisier demonstrou que tudo muda, que tudo se transforma, mas que nada se cria, nada se perde.

JEWSBURY & BROWN'S Manchester, England Quinine Tonic Dry Ginger Ale Sole Agent: C. N. Lefebvre Rio de Janeiro

Um diario anarquista Bailla, ha já algum tempo, no cérebro de alguns camaradas preocupados em dar uma mais larga expansão á propaganda dos ideais libertarios...

DR. JOÃO PEDRO DA COSTA MEDICO OPERADOR DA UNIAO DOS EMPREGADOS NO COMERCIO E DO CENTRO COSMOPOLITA-OCULISTA DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

ou mensario, de modesta tiragem, e o distribuimos entre nós mesmos! Atravesamos um instante unico na historia, e si dele não soubermos aproveitarmos para imprimir á nossa propaganda um impulso vigoroso...

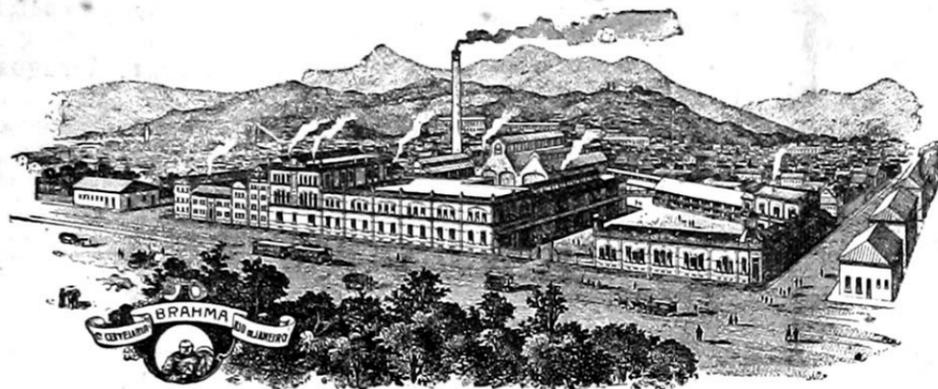
AVISO IMPORTANTE Estamos enviando o "Cosmopolita" a todos aqueles companheiros que supomos simpatizantes com a nossa ação e nela reconheçam utilidade.

Fabrica de Cerveja Oriente de José Vasques Fêrro Rua Visc. do Rio Branco 30 PIRESCO PARQUE ao ar livre

RIO DÃO O VINHO DE MEZA PREFERIDO IMPORTADORES J. FERRREIRA & C. CERVEJA PARK BIER - Estomacal e nutritiva PRAÇA TIRADENTES, 27

FABRICA CONFIANÇA DO BRAZIL De Roupas brancas para homens, Cama e meza, É A QUE VENDE MAIS BARATO E QUE MELHOR SERVE 87-RUA DA CARIOCA-87 - (Não tem filiais)

CERVEJARIA BRAHMA



Recomenda as
suas afamadas
marcas:

BRAHMA — **BRAHMINA** — **TEUTONIA**

FIDALGA — **MALZBIER** — **BRAHMA PORTER**

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

CENTRO COSMOPOLITA - Séde: RUA DO SENADO, 215 - 217
(Telefone: Central 1499)

Esta sociedade, fundada em 31 de Julho de 1903, incumbe-se de fornecer às exmas. famílias, confeitarias, hotéis, restaurants clubs, bars e demais cazas deste ramo, pessoal competente para banquetes, cazamentos, pic-nics, etc. etc., não só na capital como no interior, responsabilizando-se pelo mesmo.

Aluga o seu vasto salão para festivais, concertos, conferencias e outros atos de reconhecida moralidade.

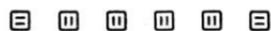
te nde-se a chamados todos os dias uteis das 7 às 22 horas e aos domingos até ao meio dia.

“CAZA RIST”

DEPOZITO EXCLUZIVO DE PRODUTOS NACIONAIS

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de setembro n. 77



Telefone 455 - Central

BEBAM

CAXAMBU'

A soberana das aguas de meza.

BEBAM

SALUTARIS

A rainha das
aguas de mea